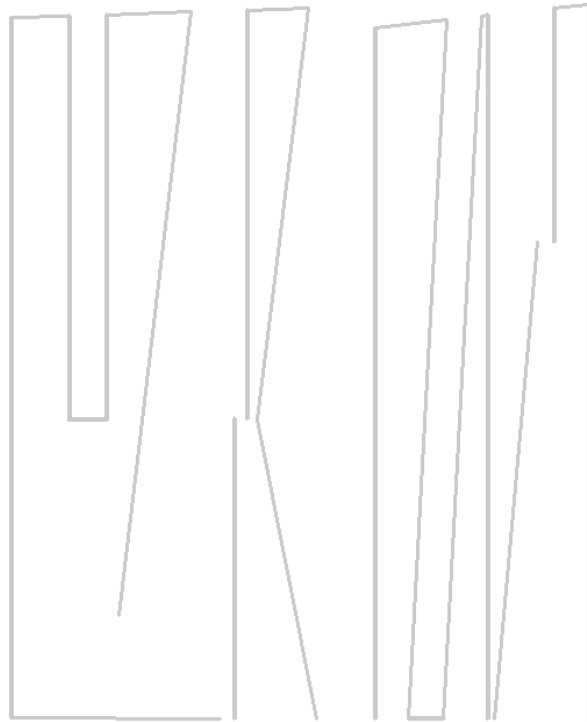


Universidade da Beira Interior

Entre o Urbano e o Social: Uma intervenção



Projecto Final para obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura

Filipa Amélia da Silva Bastos

Covilhã, Agosto de 2009

– Centro de Arte –

**Intervenção nos Edifícios 226-228 na Rua Freire Gomes, Porto
e Consequente Revitalização Social**

Filipa Amélia da Silva Bastos

Universidade da Beira Interior

Mestrado em Arquitectura

Covilhã, Agosto de 2009

Orientador: Professor Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto

Co-orientador: Professor Doutor Luís Oliveira

Agradecimentos

A todas as pessoas que me acompanharam, no meu percurso académico, e sem as quais nunca seria possível atingir este fim. À minha família, pelo apoio e motivação, e por sempre acreditar em mim. Aos meus amigos, pela paciência, compreensão, pela partilha de conhecimentos e pelos bons momentos. Ao meu orientador, e co-orientador, pela disponibilidade e bons conselhos. A todos os que me ajudaram a concluir este projecto, professores e amigos.

Índice

Resumo	5
Abstract.....	6
Introdução.....	7
A Cidade do Porto	9
Breve história	9
Porto, Capital da Cultura	14
Centro Histórico	15
Relatório.....	17
Metodologia	17
Rua de Gomes Freire.....	24
A Intervenção – Centro de Arte	27
Memória Descritiva e Justificativa	37
Enquadramento e Características gerais da rua.....	37
O Pré-existente	38
Intervenção – Centro de Arte	39
Créditos das Imagens.....	46
Bibliografia	50

Resumo

A arquitectura condiciona os lugares e as pessoas, a sociedade e a cidade. O objecto arquitectónico deve ser visto como solução a uma problemática social cada vez mais observada nos dias de hoje. A arquitectura deve ser considerada como algo vivo, capaz de motivar e dinamizar a envolvente, sem a ferir.

O objecto arquitectónico como catalisador social de uma zona, que atrai as pessoas e as convidando a permanecer em lugares que antes passavam despercebidos.

Esta é uma arte com potencialidade de alterar espacialmente os lugares e provocar mudanças no comportamento do indivíduo.

Palavras-Chave: Revitalização Social, Dinamização, Rua, Catalisador, Novo.

Abstract

Architecture determines places, people, society and city. The architectural object should be considered as a solution to social problems increased nowadays. It should be thought as something alive, able to motivate and energize its environment, without harming it.

The architectural object is social catalyst, attracting people and inviting them to stay in places that previously went unnoticed.

This is an art space with potential to change places and cause changes in the individual's behavior.

Key-Words: Social Revitalization, Dynamism, Street, Catalyst, New

Introdução

A intenção inicial apontava para uma requalificação, que obrigava a estudar o vasto repertório do património histórico, cultural e arquitectónico que constitui a cidade do Porto. Avaliar a importância da sua conservação e valor, carregado de influência arquitectónica servindo de base para a fase conceptual de requalificação.

Após uma primeira aproximação e compreensão da rua em estudo, o objectivo inicial revelou-se incoerente. A rua apresenta um potencial que não é aproveitado: a nível social não oferece qualquer tipo de actividade, consequência directa da falta de um foco dinâmico. Toda a panorâmica visual, beleza local e esplendor de que é provida passam despercebidos.

O bairro aqui localizado caracteriza-se pela sua diversidade de formas, tamanhos, e cores de fachadas *remendadas* e improvisadas com chapas metálicas, rebocos e materiais de várias naturezas, que confere à rua um aspecto descuidado na uniformidade, facultando uma imagem distinta a quem percorre ponte do Infante.

A proposta apresentada pretende dinamizar a rua, convidando as pessoas movidas pela curiosidade, pela cultura, pela música, por um simples momento calmo de reflexão e bem-estar, impulsionando esta zona. A cidade é assim um corpo vivo, que deve ser diversificado, renovado, competitivo e culturalmente atractivo. É importante a criação de pólos de animação (tais como cafés, restaurantes, bares) que combatem, mesmo que parcialmente, a desertificação (ausência de pessoas nas ruas, por exemplo, durante a noite).

O objectivo deste trabalho é defender uma revitalização social da rua através de uma intervenção pontual; com uma nova linguagem arquitectónica, conotando a rua com uma nova realidade. Através da requalificação proposta no plano inicial o objectivo pretendido não seria atingido. É pretendido algo novo, que motive os habitantes locais e que tenha presença física e social. Proporciona-se não só um novo espaço público, como o usufruto de toda a panorâmica visual, que coloca este arruamento numa posição estratégica bastante privilegiada pelas vistas sobre o rio Douro e a margem de Gaia.

Este trabalho divide-se em três partes: a primeira parte refere-se à cidade do Porto, onde se localiza a rua em estudo, a sua história, economia e cultura; na segunda parte, apresenta-se a metodologia e desenvolvimento conceptual da intervenção; a terceira e última parte, refere-se à memória descritiva e justificativa.

A Cidade do Porto

O Porto é a segunda maior cidade de Portugal, e a principal da região norte. É a cidade que deu o nome a Portugal – desde muito cedo (c. 200 a.C.) que se designava de Portus, vindo mais tarde a tornar-se a capital do Condado Portucalense, ou Portucale (Reino que deu o nome a Portugal) e é também conhecida como *Cidade Invicta*. Em conjunto com municípios adjacentes, formam entre si um aglomerado urbano dando origem a uma cidade metrópole com cerca de 1 200 000 habitantes. É conhecida mundialmente pelo Vinho do Porto. O centro histórico é constituído por edifícios variados de diferentes épocas, distribuídos por uma malha de ruas, mais ou menos irregulares, catalogado como património da UNESCO desde 2006.

Breve história

O porto teve origem num povoado pré-romano erguido num cruzamento de rotas comerciais portuguesas. Prosperou durante a expansão do império português nos séculos 15 e 16 e com o comércio de vinhos com a Inglaterra.

É marcada por vários acontecimentos históricos, tais como o casamento do rei D. João I, com a inglesa D. Filipa de Lencastre, por ter sido o berço do infante D. Henrique, e albergar numa das suas muitas igrejas – a Lapa – o coração de D. Pedro IV de Portugal, que segundo conta a história, o ofereceu à população da cidade em homenagem ao contributo dado pelos seus habitantes à sua causa liberal.



Imagem 1: Barcos Rebelos nas Margens Rio Douro, Porto, 2009, Fonte: 01

A zona mais turística da cidade é o cais da Ribeira, banhado pelo rio Douro. Com vida diurna e nocturna, é caracterizada pelas suas ruas estreitas, e as vistas sobre a cidade de Gaia e seus armazéns do Vinho do Porto. Os rebelos que eram usados antigamente para o transporte do vinho do porto e são outra atracção desta zona que foi adaptada ao turismo, que se assume como um dos principais motores da cidade.



Imagem 2: Estação de S. Bento, Porto (à esquerda) e avenida dos Aliados (à direita), Porto 2009, Fonte: 01



Imagem 3: Ardina (à esquerda) Rua Sta. Catarina (à direita), Porto 2009, Fonte 01.

É de referir também, o Jardim da Cordoaria, que é um dos mais antigos da cidade, a Igreja e Torre dos Clérigos, da autoria de Nasoni, e a Livraria Lello, com uma fachada Neogótica. A avenida dos aliados encimada pelos Paços do concelho (1920) e pelos vários edifícios, a escultura, O tributo ao Ardina (vendedor de jornais), a Estação de S. Bento, e a rua Santa Catarina, uma das ruas mais movimentadas do Porto.

A Foz do Douro, banhada pelo oceano Atlântico é outra zona altamente turística e, considerada por muitos a mais bela da cidade, tem ainda a Fundação de Serralves, um museu de arte contemporânea projectada pelo arquitecto português Siza Vieira.



Imagem 4: Vista sobre o Rio Douro e Pontes, respectivamente, Ponte Infante, Ponte Dom Luís, Porto
– Travessa das Fontainhas, 2009

A nível de transportes, cruzam-se varias estradas e linhas de caminho-de-ferro, que também contribuíram, para tornar a cidade o principal centro comercial de toda a região Norte. Muitos dos mais importantes grupos económicos do país de diversos sectores, tem a sua sede social na cidade do porto, ou na sua grande área metropolitana.

Inicialmente a travessia entre as margens era feita com recursos a barcos, jangadas, barças ou batelões. Mas a necessidade de haver uma travessia permanente levou à construção da ponte das barcas em 1806, constituída por 20 barcas ligadas por cabos de aço, que podia abrir em duas partes para dar passagem ao tráfego fluvial.

No entanto o aumento do trânsito exigiu a construção de uma ponte permanente, a Ponte Pênsil em 1843, desmantelada mais tarde após a abertura da Ponte Dom Luís I em 1886.

Esta é a ponte mais antiga da cidade que permanece actividade, ligando inicialmente as zonas baixa e alta de Vila Nova de Gaia e do Porto e de uma forma mais geral, entre o norte e o sul do país durante largas décadas.

Mais tarde, a partir da segunda metade do século XX, verifica-se insuficiente para assegurar o trânsito automóvel entre as duas margens, sendo substituída por outras pontes e adaptada para o Metro do Porto.

Surgiu então a Ponte Maria Pia, construída pela empresa de Gustave Eiffel entre 1876 e 1887. Esta era uma ponte equipada com uma só linha, verificando-se insuficiente para o crescente afluxo, sendo desactivada e substituída mais tarde pela Ponte de São João em 1991.

Outras pontes presentes na cidade invicta, são a Ponte da Arrábida que na altura da sua construção continha o maior arco do mundo em betão armado, e constitui o tramo final da auto-estrada A1 que liga Lisboa ao Porto, sendo esta, mesmo depois da construção da Ponte do Freixo, a principal ligação entre a cidade do Porto e margem sul do Douro.

A Ponte do Freixo teve como objectivo minimizar os congestionamentos ao trânsito automóvel verificados nas Pontes Arrábida e Dom Luís, desde finais da década de 1980.

A Ponte do Infante, baptizada em honra do portuense infante D. Henrique, é a mais recente que liga Porto e Gaia, construída para substituir o tabuleiro superior da

Ponte Dom Luís, em plena zona histórica, ligando o bairro das Fontainhas (Porto) à Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia).

Porto, Capital da Cultura

A cidade do Porto apresenta uma forte vertente cultural, tendo sido considerada em 2001, a Capital Europeia da Cultura.

Provida de diversos Auditórios culturais, Teatros e Museus da cidade, como o Museu de arte contemporânea, fundação de Serralves referido anteriormente, a casa do Infante datada de século XIII e onde terá nascido o Infante D. Henrique, sendo actualmente museu medieval e arquivo distrital.

Muitos outros museus e auditórios culturais, rodeiam a cidade com as mais variadas temáticas, contando fielmente o percurso desta cidade em vários sectores, ao longo do tempo, tais como o sector dos transportes e comunicações, do carro eléctrico, do Vinho do Porto, da indústria, da moeda por ai fora.

Os auditórios culturais da cidade são na sua grande maioria construções do século XIX e XX, sendo que a mais arrojada e relevante dos últimos anos é a casa da Musica, também já referida anteriormente, que foi concebida para o evento *Porto Capital da Cultura 2001*.

Vários são também os teatros, de grande relevo histórico e arquitectónico, como o Teatro Rivoli, o Teatro Nacional São João e o Teatro Sá da Bandeira, Coliseu do Porto e

o Cine – Teatro Batalha, existem ainda outros teatros como o Teatro do Campo Alegre e o Teatro Helena Sá e Costa.

Centro Histórico

O Centro Histórico do Porto é a área mais antiga da cidade, classificada como património cultural da humanidade desde 1996.

Corresponde ao tecido urbano, marcado pelas origens medievais da cidade e inclui territórios situados nas freguesias da Sé, de São Nicolau, da Vitória e de Miragaia.

A área classificada pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade inclui parte da cidade interior ao traçado da antiga Muralha Fernandina, datada do século XIV.

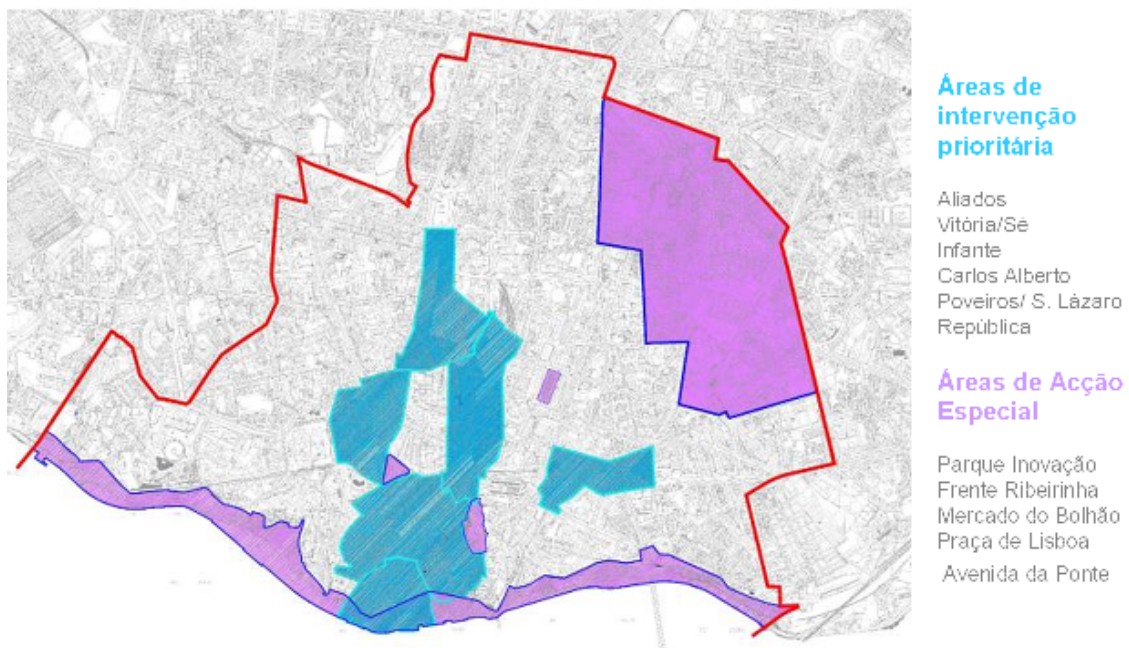


Imagem 5: Programa Porto vivo: Projecto Reabilitação da Baixa Portuense (2006-2011)

É de referir um grande projecto de reconversão urbana, que visa a reabilitação total das casas degradadas do centro histórico, o *Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa do Porto*, baseada num modelo de incentivo ao investimento privado, em alternativa ao investimento exclusivamente público.

O objectivo deste programa é acelerar e operacionalizar processos de revitalização que invertem as situações de degradação urbanística, de declínio económico e de desertificação residencial. Tendo como estratégia a re-habitação, a promoção do negócio, a dinamização do comércio, a incrementação do turismo e o lazer, e a qualificação do espaço público.

Relatório

Metodologia

Não raros foram os casos, ao longo da história, que cidades foram totalmente influenciadas pela implantação estratégica de determinados edifícios que associados com a sua monumentalidade, influenciaram todo desenvolvimento urbano, mesmo que não sendo intencional, surgiram como catalisadores, que alteraram o comportamento da sociedade em que se inseriram, a nível social e cultural, e conseqüentemente a nível económico, atraindo as massas exteriores.

Uma obra arquitectónica, ou de escultura, pintura é perfeitamente capaz de moldar e alterar o espaço e comportamento social através do seu valor.

São várias as obras quer contemporâneas, quer da antiguidade, referenciadas ao longo da história, que já desde a sua nascença surgem com uma carga significativa, sendo concebidos, desde o início com o objectivo de revolucionar o conceito de espaço em que serão inseridos.



Imagem 6: Vista de frente e vista aérea da Torre Eiffel, Paris, 2009, F: 03

Temos o exemplo da Torre Eiffel, erguida para a exposição universal de 1889 em Paris.

Supostamente uma obra provisória, mas que pela sua bela e arrojada estrutura, permaneceu até aos dias de hoje, sendo agora um marco referencial e símbolo da cidade. Seria impossível hoje imaginar Paris sem a torre Eiffel. É este tipo de ícones que ficam para a posterioridade, pela sua qualidade arquitectónica, pela sua implantação urbanística ou pela sua história.



Imagem 7: Parténon de Atenas, Grécia, 2009, F: 04

O Parténon, em Atenas, embora não tendo sido concebido com a intenção de se tornar um ícone, a sua posição estratégica em relação ao resto da cidade, aliado com as proporções monumentais de grande significado, influenciou o desenvolvimento de toda a cidade em seu redor, destacando-se na paisagem. Este foi erguido para louvar os deuses do Olimpo, e aglomerar uma sociedade que se formava.



Imagem8: Alçado e vista aérea do Coliseu de Roma, Itália, 2009, F: 05

O Coliseu de Roma concebido não para vangloriar os Deuses, mas para unir a sociedade em torno de eventos comandados por imperadores, é hoje a imagem de marca da cidade, pela sua monumentalidade, atraindo sobre si toda a atenção.

É espantoso o poder de manipulação que certas obras conferiram às cidades em que se implantaram e a maneira como influenciaram a sociedade.

A percepção desta capacidade da arquitectura, capaz de influenciar, de moldar espaços e mentes, revolucionando socialmente lugares, aliciados a uma conseqüente

desenvolvimento económica para as zonas em que se insere, fez com que a arquitectura, fosse muitas vezes e cada vez mais na actualidade, apontada como solução para os espaços desagradáveis existentes nas nossas cidades.

Normalmente lugares degradados, que adquiriram esta conotação, por vários factores, como a desactivação de indústrias, propriedades ao abandono, tornando-se alvos fáceis de vandalismo, originando insegurança nas cidades.

As intervenções locais, parecem ser uma opção cada vez mais considerada, trazendo novas vidas a essas espacialidades, ajudando a integra-las ao resto da cidade, até mesmo no circuito turístico-cultural, provocando uma revitalização cultural e social.



Imagem 9: Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha, 2009, respectivamente Vista Terrestre, F: 06 e Vista Aérea pelo programa Google Earth, Julho 2009

Bilbao em Espanha, que apesar da sua boa localização, próxima à fronteira com a França, era considerada uma cidade industrial do chamado País Basco, sem grande importância cultural no resto do país.

A sua realidade mudou, após as intervenções de Frank O. Gehry, com o Museu Guggenheim¹, e a Estação projectada por Norman Foster.

Elas destacam-se na paisagem urbana em que estão inseridas, ajudando a valorizar o seu entorno. São obras concebidas desde o início com o intuito de revolucionar o espaço em que se implantaram, revitalizando assim todo o espaço envolvente ou cidade, captando ao mesmo tempo novos incentivos garantindo a sua sobrevivência.



Imagem 10: Monumento as vítimas do Holocausto, Berlim, 2009, F: 07

Muitos são os exemplos, não só na arquitectura, também nas outras artes, na escultura como é exemplo, o monumento às vítimas do Holocausto em Berlim, por Peter Eisenman, de uma presença marcante capaz de sensibilizar qualquer um, não só pela sua monumentalidade, como também pela sua história, principalmente pelo o que simboliza.

Uma outra referência, voltando a arquitectura, desta vez em Portugal, como não poderia deixar de ser referida, a Casa da Música, projectado pelo arquitecto Ram Koolhaas, implantada na zona da Boavista no Porto.

¹ O museu de Guggenheim foi um projecto, que fez parte de um esforço para revitalizar Bilbao chegando o edifício a obter mais impacto que as próprias obras que expõe, atraindo hoje em dia multidões.

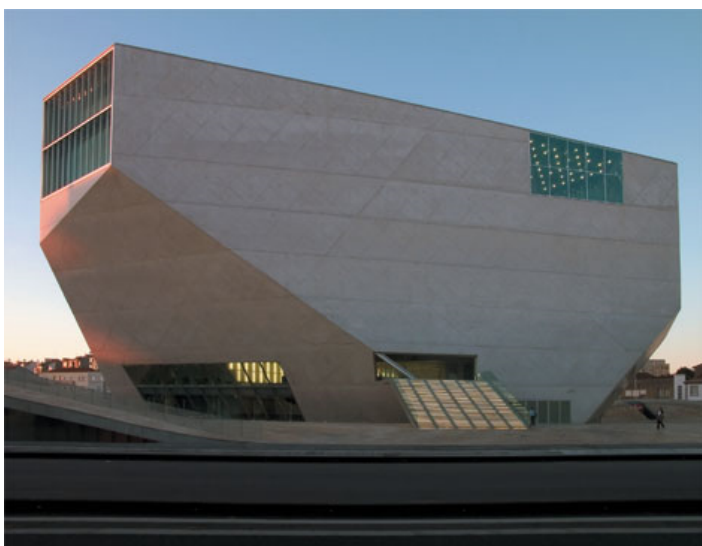


Imagem 11: Casa da Musica, Porto, 2009, F: 08

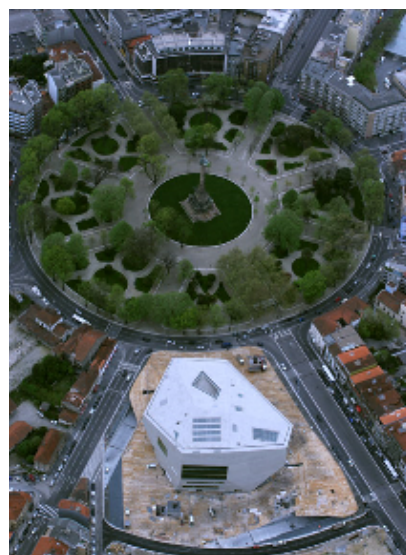


Imagem 12: Vista aérea, Porto, 2009, F: 09

O primeiro impacto provocado na população local, foi choque. Este tipo de edificações não surgem por acaso, são edificadas providos de exuberantes volumetrias, concebidas para alterar espaços, causar polémica, dinamizar a área em que se inserem, valorizar a cidade em que se encontram, impingindo a sua presença, exibindo com ousadia a sua face de arquitectura arrojada, provocando muitas vezes a consternação daqueles que a visualizam pela primeira vez. São obras que já não se limitam atingir o publico local mas sim a sociedade global.

É esta intenção, e este impacto, que não deixa passar despercebidas certas construções, chamando sobre si a atenção, que interiorizei nesta fase conceptual. Não sendo no entanto, meu objectivo, uma atenção global, mas sim algo que, com subtiliza alcance o interesse das gentes do Norte, e de outras que visitem a cidade, adicionando uma maior diversidade e interesse nesta zona.

É intenção usar essa influência que a arquitectura provoca. Criar um foco capaz de animar, e revitalizar, toda a zona envolvente, trazendo movimento, obras de arte e diversas representações musicais jazz, e teatro, enriquecer culturalmente e socialmente esta zona ribeirinha.

É papel da obra arquitectónica, enquanto elemento constituinte, criar o espaço arquitectónico bem como o espaço social. A obra arquitectónica deve surgir como resposta / solução à problemática da zona ou local em que se implanta. A arquitectura é feita pelo homem, para o homem, modelando os espaços em função do homem, para satisfação das suas necessidades/ resolução dos seus problemas, modelando assim comportamentos e hábitos, de quem dela usufrui.

A problemática social deve ser encarada, e considerada durante o processo conceptual. É objectivo principal nesta intervenção dar uma resposta social a esta rua, admitindo a arquitectura como principal objecto catalisador no processo de revitalização social.

Rua de Gomes Freire

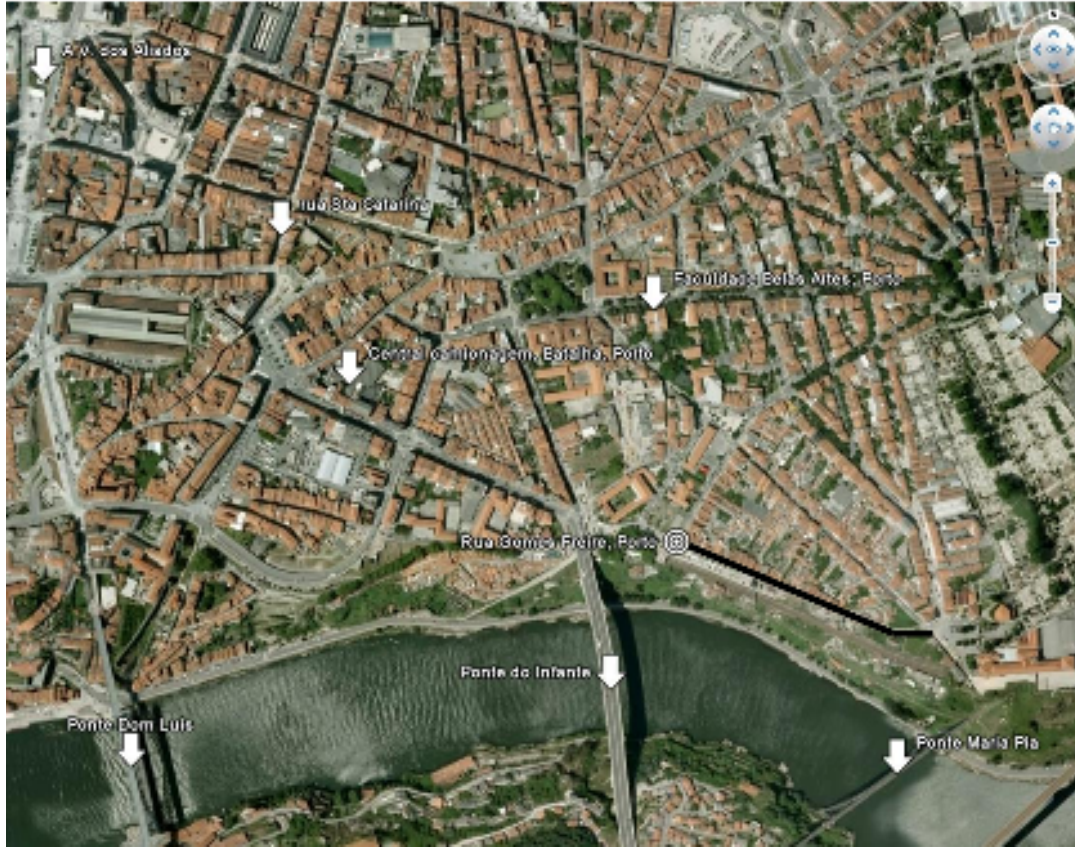


Imagem 13: Localização da Rua Gomes de Freire, Porto, 2009, pelo Programa Google Earth

A rua abordada e estudada nesta tese, situa-se na área histórica do Porto, mais propriamente na zona ribeirinha, na sua maior cota. O acesso principal faz-se pela Ponte do Infante, passando da cidade de Gaia para a cidade do Porto, facultando uma vista interessante sobre a zona ribeirinha do Porto, a todos os que efectuem este percurso.

Os aspectos levados em conta, quanto à escolha do local, foram, a sua localização de fácil acesso, tanto pelo lado de Gaia como pelo lado do Porto, tendo este ultimo perto a Faculdade de Belas Artes do Porto, a Central de Autocarros, na Batalha, para além da

muito movimentada Rua Santa Catarina e toda aquela zona contendo os Clérigos, e outras importantes referencias do cenário histórico.

Outro aspecto considerado foi a sua vista privilegiada, sobre o rio e margem de Gaia, entrecortado pelas Pontes Maria Pia, Infante e Dom Luís que acrescentam ao local uma paisagem singular, e, pela grande área livre para estacionamento localizado no largo das Fontainhas, uma regalia rara, na muito movimentada cidade do Porto, e a qual não é devidamente usado uma vez que as pessoas que frequentam esta rua, são essencialmente os moradores do bairro habitacional de que faz parte a rua Freire de Gomes, acabando por nunca ser usado.



Imagem 14: Vista sobre a Rua Freire Gomes, Porto, 2009 **Imagem 15:** Vista sobre o Douro da Travessa das Fontainhas, Porto, 2009

As edificações são todas elas delimitadas pela rua, desenvolvendo-se no seu arredor. Supõe-se, que a função tenha sido o factor predominante na altura das suas construções, sendo que a forma é consequência da função dando a ideia que cada habitação foi levantada pelo próprio proprietário, em função das suas necessidades, com os materiais e técnicas disponíveis no momento.



Imagem 16: Vista sobre a Rua Freire de Gomes, Porto 2009

Resultando assim um conjunto de edifícios bastante diversificados em cor e forma. A primeira ideia que nos surge ao observar a rua, é a de um caos reflector da heterogeneidade dos habitantes, que se traduz numa imagem contínua quando olhada no seu geral. Quando olhada no seu conjunto, em toda a semblante Portuense, resulta uma harmonia e homogeneidade, imperceptível quando observadas singularmente.

Perto desta zona várias edificações estão a ser remodeladas, e restauradas pelo programa Porto Vivo. Esta é uma zona de grande riqueza espacial e visual, não se verificando no entanto, qualquer interesse histórico ou arquitectónica. Devendo ser esse um dos motivos de que até ao momento, a rua, tenha passado tão despercebida, desprovida de qualquer projecto ou programa de revitalização ou requalificação.

A rua Freire Gomes, é assim um arruamento, que vale pela sua localização, de fáceis acessos, e paisagem privilegiada, apresentando-nos um cenário único. A situação da rua já referida anteriormente, a ausência de vida social, proveniente da falta de pontos dinâmicos, é outro aspecto que pesou e que influenciou o estudo e intervenção nesta rua.

O desafio parte, na criação de um edifício de carácter público, que irá apoiar e dinamizar esta zona, através da intervenção em dois edifícios pré-existentes na rua.

Metamorfoseando os edifícios habitacionais, em um edifício público, um Centro de Arte, com uma nova fachada, caracterizada graficamente por uma linguagem de linhas verticais e oblíquas, reflectindo a nova funcionalidade para que foi concebida, motivando a afluência de um novo público à rua e incentivando-o a ali permanecer.

A Intervenção – Centro de Arte



Imagem 17: Implantação da intervenção, Porto, 2009, pelo programa Google earth



Imagem 18: Fachadas dos edifícios a intervir (a vermelho, ao centro), Porto, 2009

Os edifícios escolhidos para a intervenção, como é visível nas imagens, estão implantados no início da rua Freire de Gomes. Primeiramente era pretendido a intervenção em apenas um edifício, o primeiro a contar do início da rua, por se encontrar desabitado, porém a semelhança com a fachada da habitação vizinha e a forte presença que estas duas pequenas fachadas transmitem na rua, impossibilitou uma intervenção singular. Sendo o mais lógico englobar as duas fachadas na intervenção, beneficiando de uma maior área de manobra para o novo espaço.

Grande parte do processo conceptual foi baseada numa análise às fachadas da frente ribeirinha do Porto. As suas cores marcantes, materiais predominantes.

Esta análise foi importante para a escolha dos materiais usados na nova fachada, que deve reflectir a função a que se destina. Que transmita a sua nova vida, o espaço de lazer e cultura, que proporcione interesse e curiosidade a quem o observe do exterior.

Um espaço cultural, de exposição de arte temporária, um espaço de tertúlia de debate, e concertos jazz, que junte num mesmo espaço, um leque diversificado de pessoas, de varias faixas etárias e formação cultural.



Imagem 19: Frente Ribeirinha do Porto, 2009



Imagem 20: Encosta das Fontainhas, Ribeira do Porto, 2009, F:10

A nova fachada resulta de uma interpretação e interiorização não só do pré-existente, mas também de uma interpretação e captação dos elementos caracterizadores, predominantes não só na rua como também em outras fachadas e edificados presentes na zona ribeirinha, constituindo a semblante Portuense perante a margem de Gaia.

A cor é um factor importante a ter em conta e que interessa manter. É de destacar a relação e harmonia que sobressai no meio de tanta diversidade. Os tons vermelhos,

conferidos pelos improvisos metálicos enferrujados cicatrizados pelos tempos e intempéries.



Imagem 21: Intervenção do artista plástico Michael Biberstein na parede de aço corten da piscina. Casa Julião Sarmento, Arquitecto Carrilho da Graça, 2009, Fonte11



Imagem 22: Caixa fórum, Herzog & Meuron, Fonte12

O aço Corten², foi o material escolhido para representar esta diversificada semblante, pretendendo manter a cor ferrugem e o avermelhado, tão características nos edificadados da ribeirinha portuense. Como mostram as imagens ambas intervenções em aço Corten. Uma de suas principais características é a camada de óxido de cor avermelhada, que se forma quando ocorre a exposição do aço aos agentes corrosivos do ambiente. Sendo por isso pelas suas especiais propriedades, um dos materiais escolhidos para a nova fachada, ideal para atingir a cor, característica do pré-existente, mantendo assim a memória do antigo.

² O Aço Cor-ten contem na sua composição elementos que melhoram as suas propriedades anti-corrosivas, e apresenta em média 3 vezes mais resistência à corrosão que o aço comum.

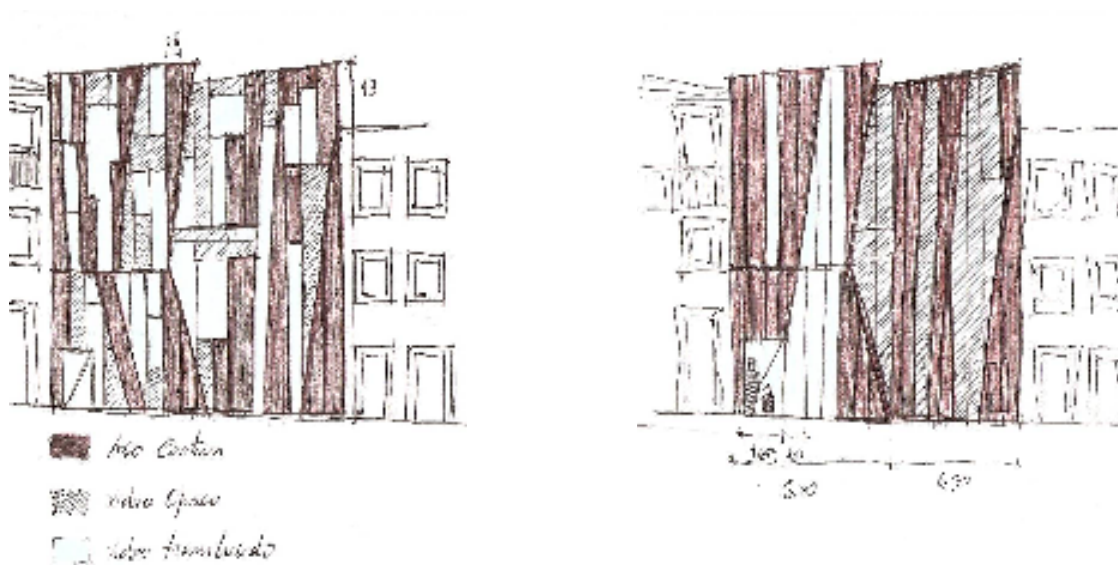


Imagem 23: Esboços executados durante o processo conceptual da nova fachada

A nova fachada resulta de um jogo de vários materiais, do aço Corten, Vidro Translúcido e Vidro Opaco, que transmitem esta diversidade tão característica nas fachadas do Porto.

É uma fachada quebrada, mantendo a ideia de dois volumes, derivados das formas irregulares da fachada, uma tentativa de tentar conservar as duas anteriores existências. Apresenta uma linguagem contemporânea, de linhas oblíquas e verticais, delineadas pelos materiais, criando uma certa dinâmica na fachada, revelando subtilmente o carácter cultural e social que o novo espaço interior deixa transparecer até ao exterior.

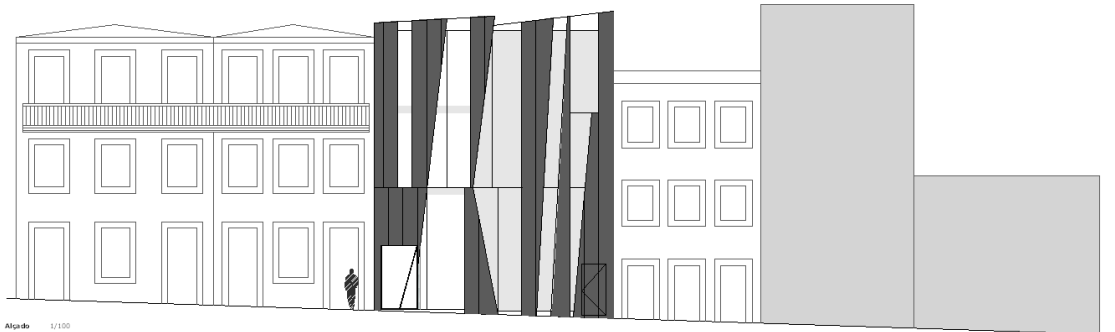


Imagem 24: Fachada Frontal s/escala, pelo Autocad, 2009

O aço Corten será “rasgado” por planos de vidro, constituindo vãos que cortam a fachada em toda a sua altura, desde a cota menor a maior, dinamizando a fachada.

As disposições das linhas, sofreram variadas transformações ao longo do processo conceptual, resultando um desenho mais simples e conciso. Baseando-me nas fachadas existentes na rua e noutras pela zona ribeirinha, os “remendos” ora de painéis metálicos ora de outras matérias, davam a ideia de terem sido colocados pelos próprios habitantes, de maneira pouco pensada.

Foi esta ideia que transpus para a fachada, a aplicação de painéis metálicos (Aço Corten) colocados, como se de uma forma pouco pensada, restituindo assim um caos, embora que controlado/ estudado, não perdendo no entanto a diversidade.

Aqui a função é o factor dominante. Sendo esta, outra condição verificada em todo o edificado proveniente da rua vem como na zona ribeirinha, e que foi também considerada nesta intervenção. Embora a fachada tenha sido trabalhada primeiramente e só depois os interiores, sempre se teve em reflexão, que a fachada reflectisse a sua função, sendo por isso considerada em todas as fases da sua concepção, a colocação dos

painéis estrategicamente, para que resulta-se uma imagem reflectora da função, e não só da sua envolvente.

As linhas oblíquas e verticais, não deixam passar despercebidas as actividades artísticas decorrentes no seu interior. Os panos de vidro que percorrem a fachada em todo o seu comprimento, pronunciam as diferentes cotas do seu interior, alcançando uma envolvência com o exterior, e vice-versa. Do seu interior o visitante pelos panos de vidro, usufrui, das vistas singulares desta zona, sendo esta outra justificação para a presença de tais “rasgos” vivos na fachada.

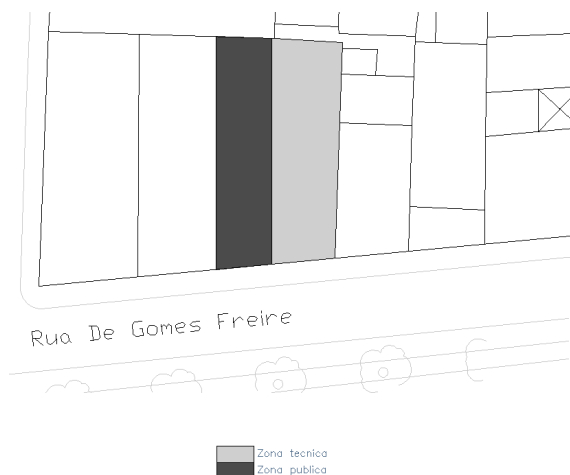


Imagem 25: Organização interior, pelo programa Autocad

Em relação a interiores, a única circunstância, e até para uma melhor organização, é a separação dos espaços por categorias. Uma para o público (o cinzento mais escura na figura) e outra técnica (o cinza claro), para serviços. A separação desenvolveu-se seguindo a linha que delimita as duas figuras geométricas presentes na fachada, acentuando, as duas pré-existências.

Esta separação é visível do exterior, sendo que na parte técnica é usado vidro opaco, e na parte reservada ao público o vidro translúcido.

Esta separação não se constava inicialmente ao nível da fachada, uma vez que os dois tipos de vidro se encontravam, misturados e dispersos pela fachada.

O Vidro opaco pela intimidade a que nos remete, permitindo um melhor resguardo, foi confinado a zona técnica, já o translúcido pela sua transparência, que nada deixa esconder, foi confinado as zonas públicas, também para uma melhor desfrute das paisagens exteriores.

O programa foi delineado, após a análise, de alguns projectos da mesma natureza funcional, e objectivo cultural. Entre eles, o museu de Serralves, e casa da musica. Embora sejam de maior envergadura, e se destinem a um público maior, tendo um maior alcance, a análise ajudou a delinear um programa sucinto, que a pequena área do novo edificado assim limita. Sofrendo por isso mesmo, varias alterações durante o desenvolvimento das plantas, por apresentar um pequeno espaço compacto.

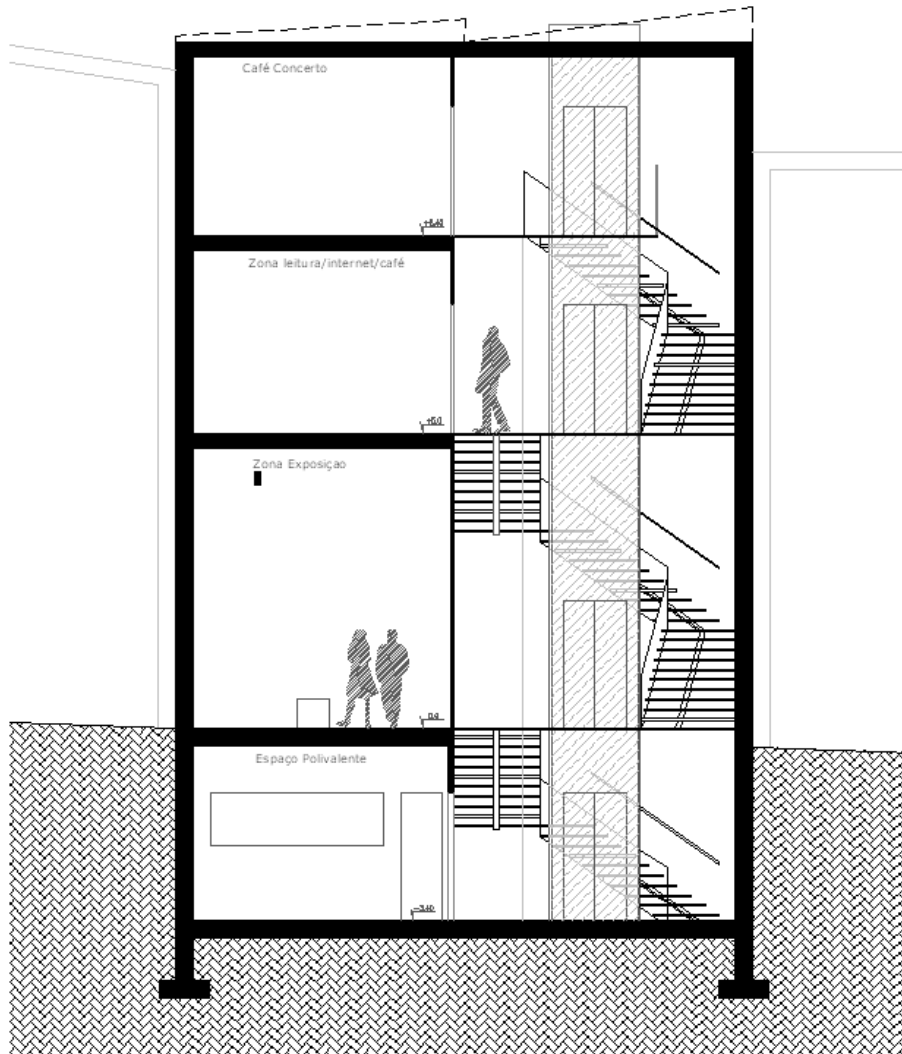
O primeiro problema que surgiu, foi a implantação do acesso vertical. O mais lógico, olhando a pequena área, seria optar por escadas arrumadas a um canto, e que fossem igualmente compactas, disponibilizando assim o máximo de espaço de manobra. Porém, esse gesto grotesco iria desvalorizar completamente um elemento que considero fundamental, na funcionalidade de qualquer construção, e não iria trazer qualquer vantagem espacial. Optei por um acesso vertical com uma forma desconstruída, que se apresenta, pela sua dinâmica.

O programa distribui-se por 4 pisos, sendo um subterrâneo. O primeiro piso, à cota da rua, contem a entrada principal conduzindo directamente para a zona de

exposição, zona destinada ao público, na parte técnica, para além do acesso vertical, existe um escritório, e uma pequena recepção, com um compartimento para pequenos arrumos, provido de um monta-cargas, de apoio as zonas de café e restauração dos pisos de cima e transporte de peças para o armazém no piso de baixo. O segundo piso contém uma zona de estar, onde o público pode ler, beber um café, pesquisar algo pela internet acessível por wireless em todo o edifício. Pretende-se que esta seja uma zona, onde um grupo de estudantes se possa reunir, um espaço de conversas, ou reflexões individuais. Existe ainda neste piso uma pequena zona de restauração, com menus rápidos, na parte técnica, o acesso vertical, as instalações sanitárias, equipadas com casa de banho para pessoas com mobilidade condicionada, e uma pequena cozinha de apoio à zona de restauração e zona de estar.

O piso 2 é um espaço de café concerto, com um pequeno palco, ligeiramente mais elevado (17cm), a zona de bar e a cozinha de apoio. Este é espaço reservado a representações artísticas, como concertos jazz, ou uma peça de teatro.

Por último o piso -1 que se encontra numa cota negativa, sendo por isso subterrâneo, contém um espaço polivalente, equipado com sala de projecção, para projecções audiovisuais. Este espaço, pode ainda servir de sala de ensaio, de dança música ou teatro, para uma palestra, ou acolher uma exposição de obras de arte, mais sensíveis, por exemplo, de pintura que não deve apanhar luz. Contém ainda um armazém, e instalações sanitárias, cumprindo as medidas para pessoas de mobilidade condicionada.



Corte B

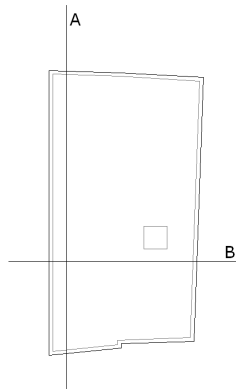
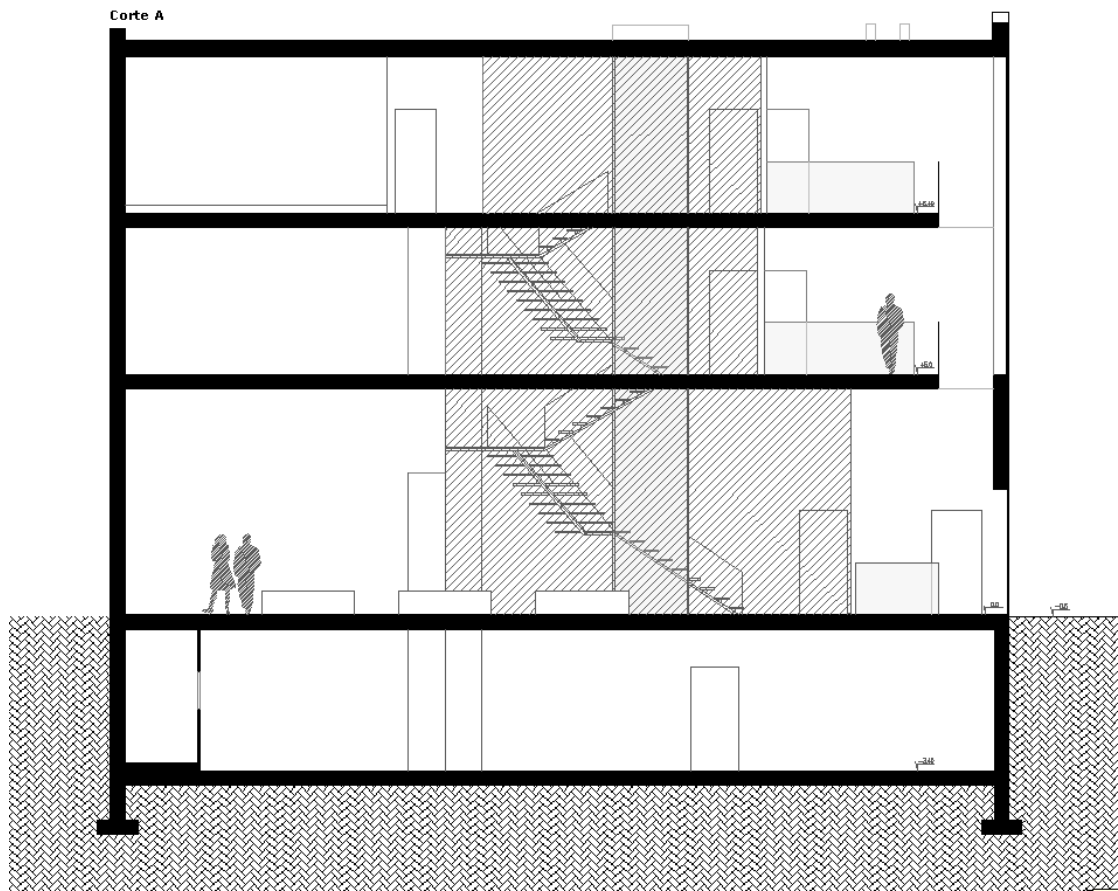


Imagem 26: Perfil horizontal e vertical da intervenção, pelo programa Autocad,

Memória Descritiva e Justificativa

Enquadramento e Características gerais da rua



Imagem 27: Vista da Rua Gomes Freire, e parque das Fontainhas, Porto, 2009

A rua Gomes Freire, alvo de estudo nesta tese, e é onde se implanta os edifícios que pretendo trabalhar. É uma rua virada a sul, localizada também, na travessa das Fontainhas, que alberga um bairro habitacional

O acesso principal faz-se pela Ponte do Infante, passando da cidade de Gaia para a cidade do Porto, ponte esta que permite a travessia entre as duas margens, na sua cota superior, que é a mesma da rua.

Esta é uma rua cujas fachadas, apresentam características bastante diversificadas, que observadas no seu conjunto resulta de uma harmonia e homogeneidade, imperceptível quando observadas singularmente.

As edificações são todas elas delimitadas pela rua, desenvolvendo-se no seu arredor.

É uma rua de razoável largura, a volta de 3m de faixa de rodagem e 1,1m em cada lado de passeio para pedestres. A faixa de rodagem permite a circulação automóvel nos dois sentidos, e ainda a paragem do mesmo na berma, sem perturbar a circulação. Este será um espaço reservado a pessoas de mobilidade condicionada.

O Pré-existente



Imagem 28: Vista da Rua Gomes Freire, e parque das Fontainhas, Porto, 2009

Em relação ao pré-existente, são duas casas habitacionais de dois pisos de planta compacta, característica habitual nas edificações desta zona, que apresentam fachadas idênticas, ladrilhadas de um cerâmico vermelho forte, de forte presença na rua.

Em relação aos vãos, as fachadas apresentam duas janelas e duas portas de entrada desde a rua. Quanto à cobertura, tal como todas os edificadros da rua, são cobertas por telha Portuguesa. As habitações vizinhas, tanto de um lado como do outro apresentam três pisos, a primeira com um ladrilhado de cerâmicos pálidos, e a segunda sem qualquer acabamento final, com a alvenaria exposta.

Intervenção – Centro de Arte

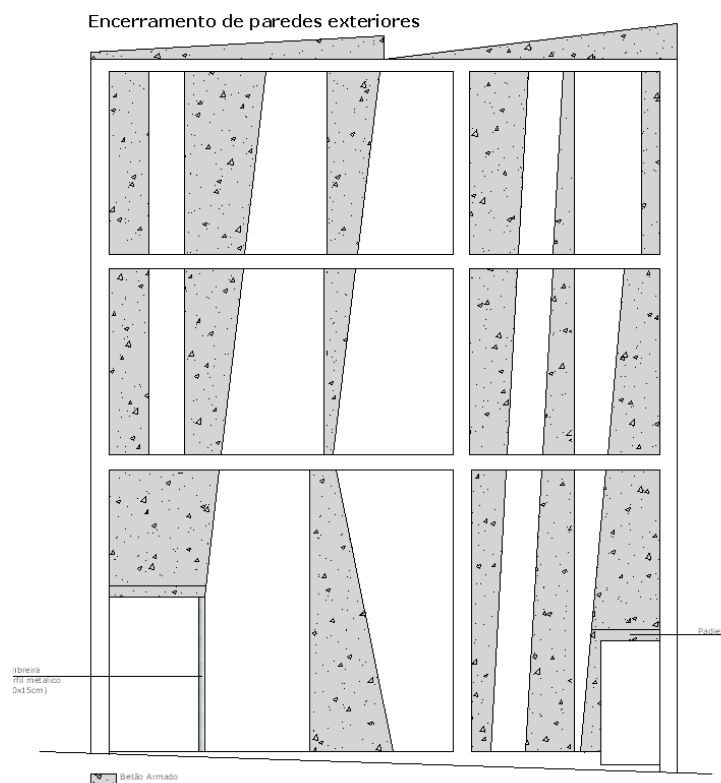


Imagem 29: Composição da Fachada, pelo Autocad

Toda a fachada será suportada por paredes de Betão Armado. Devido á existência de ângulos de difícil execução em obra. Foi necessário recorrer à flexibilidade do Betão Armado, garantindo assim a resistência e o suporte necessário para os elementos constituintes das paredes, as aplicações de isolante térmico, reboco, e os painéis de Aço Corten.

Nenhum dos “bicos” formados pelos estranhos ângulos, tem menos de 15 cm de largura para possibilitar a construção em obra, permitindo a passagem dos tirantes de ligação.

Estes painéis terão todos a mesma largura, de 60 cm, variando no comprimento. O sucesso desta aplicação em obra, está na mão-de-obra que deverá, ser especializada. As peças devem ser cortadas e moldadas em oficina, e deve-se verificar se o resultado final é executável, sendo usual depois de feitas as medições, devido a grande ocorrência de erros, uma última verificação antes da aplicação em obra.

São fachadas sujeitas a uma exposição prolongada ao sol, devido à sua direcção para Sul. Toda a fachada é revestida por isolamento térmico, 4cm de espessura, e o tipo de vidro aplicado, é Vidro Duplo Baixo Emissivo³. São vidros que aumentam consideravelmente o isolamento térmico, devido ao tratamento com metais nobres, como a prata, que conferem ao vidro, em elevado poder de resistência a transmissão energética, que diminui ainda mais quando colocado gás Árgon na câmara-de-ar. Apresenta um

³ Considerando os vidros duplos, que têm uma transmissão energética ou Valor U de 2,8 W/m²K, se for aplicada uma câmara de 12 mm, os vidros baixo emissivos, devido ao tratamento com metais nobres tem um U que se situa entre 1,4 W/m²K se for aplicada uma câmara de 16 mm, podendo baixar até 1,1 W/m²K, se for aplicado gás Árgon na câmara de ar.

aspecto transparente, com uma ligeira tonalidade cinza. A caixa-de-ar apresenta 16 mm de espessura.

A porta principal é toda em vidro, também de baixo emissivo, com altura de 2.30m e largura de 1.50m. No lado oposto, embutida na fachada encontra-se uma porta de dimensões mais pequenas, toda ela revestida em Aço Corten, passando facilmente despercebida, reservada para os funcionários, cargas e descargas.

Todas as lajes interiores são de betão maciças fungibloco, com blocos de Leça, constituindo uma laje leve, que consegue vencer grandes vãos, sem apoios.

Todo acesso vertical é isolado por vidro corta-fogo, transparente, bem como o elevador. Os degraus, são constituídos por chapas de Aço nervurado.



Imagem 30: Planta Piso -1 e piso 0, respectivamente, escala 1/100 Autocad

O piso-1, é um piso subterrâneo, de menor cota, apresenta uma zona polivalente, com uma área de aproximadamente 83m² distribuída por uma área compacta, Este piso contém ainda na zona técnica um armazém, e instalações sanitárias. A laje de betão, será finalizada com atalochamento mecânico, e acabamento de verniz. As paredes são todas rebocadas e pintadas em branco. As portas das instalações sanitárias e armazém serão de madeira. Toda a zona sanitária e armazém serão revestidos em cerâmicos.

No piso 0, que é o piso de entrada, desenvolve-se uma área compacta, destinada a exposição de obras de Arte, temporária. Na parte técnica encontra-se uma pequena área de recepção com um exíguo compartimento, que serve para pequenas arrumos, e é onde se encontra o monta-cargas de apoio as áreas de restauração nos pisos superiores e também para o armazém situado no piso inferior. Neste piso encontra-se ainda um escritório, virado para a traseira do edifício, cortando a fachada traseira com uma janela para entrada de luz natural neste compartimento. O espaço de exposição apresenta uma área de 67m². é um espaço livre, com 3 paralelepípedos ao centro, de 50cm de altura, permitindo ao observador sentar e observar a exposição relaxadamente. Estas peças são feitas em acrílico de cor acinzentado escuro, bem como o balcão de recepção, mas com uma cinza mais claro. São peças que não são fixas. A laje tem o mesmo tratamento que o piso -1, a vista do betão, e as paredes são rebocadas a branco.

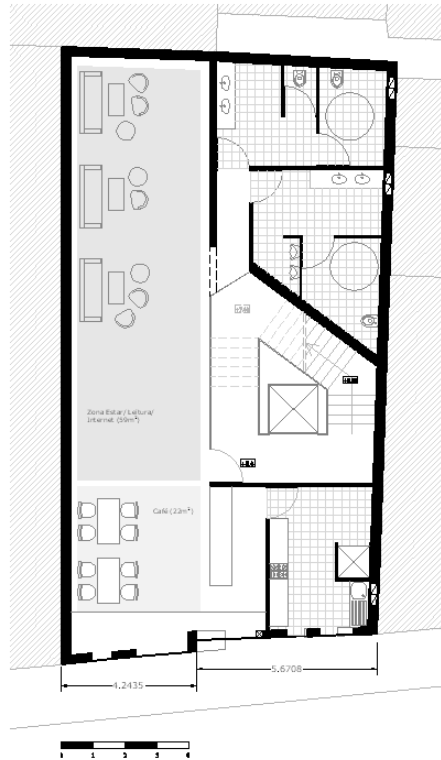


Imagem 31: Planta Piso 1, escala 1/100 Autocad

O piso 1 apresenta um espaço de estar, reservado para leitura, internet. Contem ainda um pequeno café de apoio. A zona d serviço é constituída pela cozinha e instalações sanitárias, para além do acesso vertical. Aqui a laje tal como no piso -1 e piso 0 são tratadas com uma camada de verniz, diferenciando-se pelas dimensões da laje, que não se alonga até a fachada, recuando cerca de 1.30m no ponto de maior afastamento. O objectivo deste recuo, é de proporcionar uma melhor visualização dos recortes da fachada, quando observados pelo interior, e conferir um maior pé direito a zona de entrada, situada no piso 0. Devido a este recuo existe no limite da laje uma guarda de vidro com 1.1m de altura.

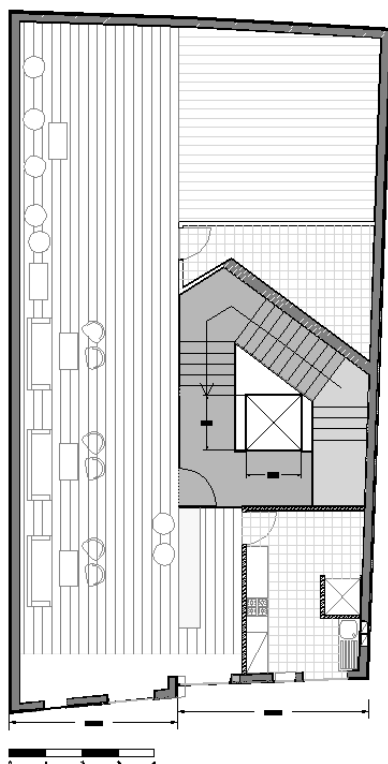


Imagem 32: Planta Piso 2, escala 1/50, Autocad

O piso 2, destinado ao café concerto, apresenta uma laje de madeira, também recuada. Este pretende ser um espaço mais dinâmico, livre de peças de mobiliário fixo, contendo apenas pequenos sofás e mesas que serão organizadas conforme as pessoas assim o desejarem. O palco presente para concertos jazz, podendo também apresentar outro tipo musicalidade e representações, tais como peças de teatro, encontra-se ligeiramente mais elevado 17cm.

O edifício apresenta pés directos de 3,10m com excepção do piso 0, que é onde se localiza a zona de exposição com 4,70m nesta zona, tendo as zonas serviço deste piso, o escritório e zona de recepção um pé direito menor, conseguido por tectos falsos.

O edifício apresenta uma altura máxima de 12,70m aproximadamente. A cobertura é plana com acabamento em godo, nela ressaem a caixa de elevador e duas chaminés provenientes das duas zonas de restauração.

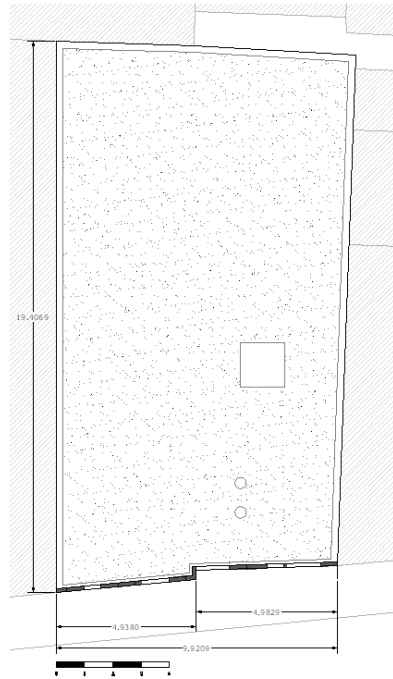


Imagem 33: Planta Cobertura, Escala 1/100, Autocad

Créditos das Imagens

Fonte 01: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto4>

Fonte02: http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.portoxxi.com/album/marcar.php%3Fid%3D100&imgrefurl=http://www.portoxxi.com/album/ver_foto.php%3Fid%3D100&h=329&w=453&sz=43&tbnid=iBKfCpKHA8GHXM:&tbnh=92&tbnw=127&prev=/images%3Fq%3Dpontes%2Bdo%2Bporto&hl=pt-PT&usg=__qqaoY5DjABSpJgoZL53WgBUs-mw=&ei=v2B4Su-1FKGOjAfjo9ynBg&sa=X&oi=image_result&resnum=1&ct=image

Fonte03: http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.leet.it/home/lale/joomla/images/stories/MyImages/screenshot.png&imgrefurl=http://www.leet.it/home/lale/joomla/content/blogcategory/14/41/&usg=__NBVCoAqi1scMuAOYtrkt87WQbKQ=&h=888&w=1170&sz=2217&hl=pt-PT&start=3&um=1&tbnid=OHtEDgOdYI4eZM:&tbnh=114&tbnw=150&prev=/images%3Fq%3Dtorre%2Beiffel%2Bvista%2Baerea%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DG%26um%3D1

Fonte04: <http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.guiageo-grecia.com/fotos/foto-partenon.jpg&imgrefurl=http://www.guiageo->

grecia.com/partenon.htm&usg=__Igt9YXjp-

Di91F3xbJR7boh0zGE=&h=508&w=1191&sz=167&hl=pt-

PT&start=1&um=1&tbnid=ASKMuI4sCF0K6M:&tbnh=64&tbnw=150&prev=/images%

3Fq%3Dpartenon%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DN%26um%3D1

Fonte05:<http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.babooforum.com.br/idealbb/files/273774->

Coliseu%2520Roma.JPG&imgrefurl=http://www.babooforum.com.br/forum/index.php%

3Fshowtopic%3D379458%26st%3D493&usg=__GhV6Q5h9RgCvOJyvHJLsnH4LXpg=

&h=519&w=738&sz=80&hl=pt-

PT&start=15&um=1&tbnid=of7lXm7omKmz4M:&tbnh=99&tbnw=141&prev=/images

%3Fq%3Dcoliseu%2Bde%2Broma%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DG%26um%3D1

Fonte 06: http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Guggenheim_Bilbao

Fonte 07: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:HolocaustMahnmalLuft.jpg>

Fonte08:http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.underconsideration.com/brandnew/archives/casadamusica_arch.jpg&imgrefurl=http://www.underconsideration.com/brandnew/archives/the_17_sides_of_a_cultural_ide.php&usg=__bR5RSwompVD8Wg0i

BTQhQdoYjpc=&h=361&w=470&sz=23&hl=pt-

PT&start=5&um=1&tbnid=7hqhsKRpIEXKhM:&tbnh=99&tbnw=129&prev=/images%

3Fq%3Dcasa%2Bda%2Bmusica,%2Bporto%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DN%26um%3D1

PT&start=5&um=1&tbnid=7hqhsKRpIEXKhM:&tbnh=99&tbnw=129&prev=/images%

3Fq%3Dcasa%2Bda%2Bmusica,%2Bporto%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DN%26um%3D1

Fonte09:http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.kultureflash.net/archive/119/images/cdm_NF_425_1.jpg&imgrefurl=http://defesadopublico.blogspot.com/2005/04/curiosidade-kultureflash-destaca-casa.html&usg=__bIjm3MQjcVvsBN8Ft0_UK3afjiA=&h=576&w=425&sz=124&hl=pt-PT&start=1&um=1&tbnid=AwAK001IU-e2fM:&tbnh=134&tbnw=99&prev=/images%3Fq%3Dcasa%2Bda%2Bmusica,%2Bporto%2B-%2Bvista%2Baerea%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DG%26um%3D1

Fonte 10: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro: Ribeira_do_porto_2004.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ribeira_do_porto_2004.jpg)

Fonte11:http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.vitruvius.com.br/entrevista/carrilhograca/12carrilhograca.jpg&imgrefurl=http://www.vitruvius.com.br/entrevista/carrilhograca/carrilhograca_6.asp&usg=__jIIXr42ix5Dbdn8AGjI5ABlnseU=&h=293&w=460&sz=38&hl=pt-PT&start=1&um=1&tbnid=a8IDGGDmGzdSAM:&tbnh=82&tbnw=128&prev=/images%3Fq%3Da%25C3%25A7o%2BCorten%26hl%3Dpt-PT%26sa%3DN%26um%3D1

Fonte12:http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://toddhosfelt.files.wordpress.com/2008/02/dscn6702.jpg&imgrefurl=http://toddhosfelt.wordpress.com/2008/02/23/herzog-de-meuron-caixa-forum/&usg=__lqd0WUA3zKkEpr0624j27mWb5Mc=&h=480&w=640&sz=182&hl=pt-PT&start=4&um=1&tbnid=lPVKhYZW4ty7-

M:&tbnh=103&tbnw=137&prev=/images%3Fq%3Dcaixa%2BForum%26hl%3Dpt-
PT%26sa%3DG%26um%3D1

Bibliografia

A.A. V.V. – **Teoria e Historia de la Restauracion**, Master de Restauracion y Rahabilitacion del Patrimonio, Madrid, Editorial Munill-Lería, 1977

AGUIAR, J. – **Cor e cidade histórica. Estudos cromáticos e conservação do património**, Porto, Edições FAUP, 2003

ALBA, ANTONIO F. (outros) – **Teoria e História da la Restauracion**, Madrid: MRRP,ed. Munilla-léria, 1997

BRANDI, C. – **Teoria del Restauro**. Roma: Einaudi, 1977

CESCI, C. – **Teoria e Storia del Restauro**. Roma: Mário Buldozi edit., 1970

DE GRACIA, F. – **Construir en lo Construido, La arquitectura como modificacion**, Madrid, Nerea, 1992.

FEIFFER, C. - **Il Progetto di Conservazione**. Milão: Franco Angeli, 1989

Feilden, B. - **Conservation of Historic Buildings**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1994.

JOKILEHTO, J., **A History of Architectural Conservation**, The contribution of English, French, German and Italian thought towards a international approach to the conservation of cultural property. York: The University of York, 1986 (dissertação de doutoramento).

MAIA, Maria Helena – **Património e Restauro em Portugal (1825-1880)**. Lisboa: Ed. Colibri/IHA-FCSHUNL, 2007

NETO, M. – **Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)**. Porto: FAUP, 2001

PAIVA, J.; AGUIAR, J.; PINHO, A. (editores-autores) - **Guia Técnico de Reabilitação Habitacional**. Lisboa; LNEC-INH, 2006.

PEREIRA, Paulo – **Património Edificado. Pedras angulares**. Aura, 2005.

RIVERA BLANCO, José J. – **De varia restauratione: teoría e historia de la restauración arquitectónica**. Valladolid, R&R, 2001.

TOMÉ, M. – **Património e restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: FAUP, 2002.

UNIVERSIDAD POPLITÉCNICA DE MADRID – **Tratado de Rehabilitation**. Madrid: ed. Munilla-Léria, 1988.

RIEGL, A. – **Le culte moderne des monuments, Son essence et as genèse**. Paris: **Éditions du Seuil**, 1903 (tradução para Francês de F. Choay, 1984).

RUSKIN, J. - **The seven lamps of architecture**. Londres, 1883 (red.).

A.A.V.V. – Actas do I, II (e III) **Encontro nacional sobre conservação e reabilitação de edifícios de habitação**, Lisboa, LNEC, 1985, 1994, 2003.

A.A. V.V. – **Porto património mundial, Processo de candidatura do centro histórico do Porto à UNESCO**. Porto, CMP, 1998.

A.A. V.V. – **Guimarães património mundial, Processo de candidatura do centro histórico de Guimarães à UNESCO**. Guimarães, CMG, 2003.

A.A. V.V. – **Curso de Rehabilitacion, Madrid**, COAG, 1985

A.A. V.V. – **Recupero edilizio, Bolonha, Ente Fiere**, (Vol. 1 a10), 1984.

AGUIAR, J; Cabrita, A R; Appleton, J. – **Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais**. Lisboa, ed. LNEC/DGOT, 1991 (Dois vol., 500p.p.).

APPLETON, J. – **Edifícios Antigos, Contribuição para o estudo do seu comportamento e das acções de reabilitação a emprender**, LNEC, Lisboa, 1991.

CABRITA, A R; Aguiar, J; Appleton, J. – **Manual de apoio à reabilitação de edifícios do Bairro Alto em Lisboa**. Relatório NA. Lisboa, LNEC/CML, 1990

CARBONARA, G. – **Restauro architettonico e impianti**, 3 vol., Turim: UTET, Torino 2001.

CARBONARA, G. (editor) – **Atlante del Restauro**, 2 vol.. Turim: UTET, 2004

CAPITEL, A. – **Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración**. Madrid: Alianza, 1992.

CERVELLATI, P.; MILIARI, M. - **I centri storici**, Florença, Guaraldi, 1977.

FEILDEN, B.; JOHKILEHTO, J. - **Management guidelines for the world cultural heritage sites**. Roma: ICCROM - ICOMOS, 1993.

HENRIQUES, F. – **A Conservação do Património Histórico Edificado**, Memória nº 775 do LNEC. Lisboa, LNEC, 1991.

HENRIQUES, F.; VIRGOLINO, J. - **Textos Fundamentais, em Cadernos SPPC, Nº1**, Janeiro. Évora: SPPC, 1996.

JUSTICIA, M. – **Antología de textos sobre restauración**, Jaén: Ed. Universidade de Jaén, 1996.

PHILIPOT, P. - **Historic Preservation: Philosophy, Criteria, Guidelines, em Proceedings of the Northamerican Int. Regional Conference**. Pennsylvania, 1972